

CAMILO:

INTERESSE PELA PESQUISA HISTÓRICA

Josemir Camilo de Melo, licenciado em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UCP), contratado pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e pela UCP, nas cadeiras de Histórias, também é professor de História Contemporânea na Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, agregada da recém-criada Universidade de Pernambuco.

No caso da pesquisa histórica vem examinando material, coletando dados e informações sobre os movimentos revolucionários da 1.ª metade do século XIX em Pernambuco. Ultimamente, suas pesquisas se orientaram para a Arqueologia histórica, estando atualmente estagiando pelo Laboratório de Arqueologia da UFPe.



P — Como professor, e há cinco anos que exerce tal atividade, que espécie de método pedagógico tem utilizado?

R — Particularmente nenhum método, por acreditar que toda didática se resume em tentativas de atender aos níveis dos educandos. E como estes são heterogêneos em seus universos pessoais, rejeito toda e qualquer tendência a padronizá-los. Cada classe representa um aglomerado de universos e que dentro da didática tradicional não são consultados sobre o que pretendem aprender, nem sobre suas necessidades psico-dinâmicas (a ação do educador, respeitando-as) restringindo-se a programas rígidos sem nenhuma conexão com a comunidade do educando nem com suas aspirações. Como consequência, deparamo-nos com verdadeiros sistemas paranóicos de perseguição a um perfeccionismo (que a psicologia explica bem o porquê), padronizando, robotizando os educandos sem se aperceberem, os professores de estômagos rígidos, do obsoletismo em que vivem. Alguns princípios implícitos em minha pedagogia são:

- ninguém ensina ninguém;
- alguém só aprende alguma coisa quando quer;
- o ensino deve ser heterogêneo para atender os educandos;
- não me sinto capaz (e ninguém o é) de medir a aprendizagem sobretudo em tempos tão limitados;
- as sugestões e opiniões dos educandos devem ser aceitas a partir de um diálogo que as legitime e sejam empregadas em classe em vez das sugestões e opiniões estereotipadas do professor;
- a escola deixou de ser a responsável única pela formação cultural dos indivíduos — os meios de comunicação roubaram-lhe o caráter salvacionista.

P — E essa sua concepção parte, por acaso, de alguma corrente já em voga ou é uma atitude puramente pessoal?

R — Há alguma coisa de pessoal, mas não se sabe ao certo o grau de influência que nos toca quando estamos neste campo e lemos muita coisa.

As correntes são várias. Uma boa dose de Piaget foi conseguida na obra de Lauro de Oliveira Lima. Temos lido Pierre Furter, Anísio Teixeira (mais comentários e interpretações do que propriamente a obra) bem como A.S. Neill, Ivan Illich e Mc Luhan (sendo que o último tem contribuído indiretamente para a educação com suas observações sobre os meios de comunicação).

Como acho importante o conhecimento do comportamento humano para tentar orientá-lo, sirvo-me de Carl Rogers, Rollo May, Eric Berne, Thomas Harris, R.D. Laing, David Cooper.

Uma área que não pode ser desprestigiada é a de comunicação social com suas ramificações. Tanto assim que não se pode compreender um professor de Estudos Sociais que ignore as idéias mcluhanianas e mesmo rudimentos sobre cibernética, porque não vejo educação senão como uma teorização aproximada a uma prática. Mais ainda: chego a criar uma programação especial de acordo com o curso. Por exemplo: se é um pessoal voltado para a área de Medicina ou Engenharia, dou mais uma programação de história científica; num curso voltado para a administração, contabilidade e similares, aplico uma história econômica.

P — Levy Strauss acredita que a História surge como fenômeno passivo, um fenômeno condicionado pelos germes de morte que as estruturas carregam. Os historiadores, no entanto, discordam dessa posição, por verem nela a decorrência de uma análise sincrônica incompatível com o movimento da História. Qual a sua opinião no que se refere à discordância entre análise histórica e estruturalista?

R — A História tem sido, nos últimos tempos, bandeira ideológica para determinados grupos sociais e/ou culturais. Realmente é difícil perceber quando nós próprios estamos usando esta modalidade. Tão difícil como não tomar partido, para o historiador. No nosso caso discordamos radicalmente da interpretação estruturalista da História, por ver nela uma tentativa de manter em comportamentos estan-

ques, sincronizados todo um vir-a-ser dialético; quando menos, diacrônico.

Um dos erros fatais do estruturalismo é praticar a ruptura do processo histórico, negando assim a transcendência do ser-em-si e do vir-a-ser, caracteres estes aplicados, sem dúvida, à sociedade.

Sintetizando o estruturalismo aplicado à História:

- torna estanco um processo diacrônico;
- corre um risco de fazer estudo comparativo, como se o fizesse de estruturas limitadas aprioristicamente;
- fixa-se na análise estrutural em detrimento da conjuntural;
- efetua uma ruptura na análise histórica, na transcendência;
- transforma uma situação dialética em unidades estabelecidas, onde realmente aparecem os germes da morte;
- é válido, em poucos pontos, contra a interpretação idealista e/ou naturalista (Spengler, Dilthey, Toynbee).

P — Diga-nos alguma coisa acerca de sua experiência como estagiário nas escavações ora realizadas em monumentos de Olinda. Desde que se trata de uma atitude nitidamente prática, que tipo de proveito teórico tem obtido?

R — O interesse pela pesquisa histórica é que me levou às escavações arqueológicas, uma vez que a pesquisa não pode ficar restrita à coleta de dados, leitura de documentos e interpretação. Desde que surja um campo novo, que ofereça novas modalidades de estudo, é claro que não se pode perder essa oportunidade, principalmente nestas escavações, de onde poderemos trazer à luz novos documentos e objetos de estudo, como também um novo enfoque da nossa História Social.

Quanto ao problema teórico que os documentos suscitam só uma acurada hermenêutica pode interpretar a verdade contida. Mas no caso da Arqueologia, ela própria vem reforçar os estudos hermenêuticos. No caso, por exemplo, de duas informações contraditórias sobre um determinado objeto, monumento ou ritual litúrgico-

social, a Arqueologia pode trazer à baila não somente novas informações como o próprio objeto das informações contraditórias.

Não só reside nisto meu interesse. Trata-se ainda de um estudo, de uma incursão no campo da História do Espírito, como uma ante-sala para a Antropologia, não meramente cultural, mas também filosófica. É um campo totalmente abandonado, levando-se em consideração outras áreas de atividades intelectuais, para que o estudo sincero e profundo de nossa História muito contribuirá.

Finalizando, devo dizer que nosso interesse encontrou ressonância, pois a pedagogia que reina na equipe das escavações torna o trabalho realmente sério, com discussões, debates, orientação técnica, pequenos seminários, deixando de lado a visão do exótico, do fantástico que muita gente vê nas escavações. Graças a esta abertura científica dos arqueólogos Marcos e Veleda Albuquerque, tais pesquisas são o produto feliz da combinação de teorias à prática.

P — Entre os cientistas sociais, os sociólogos principalmente, existe a tentação irresistível do prognóstico. Como se processam os prognósticos dos historiadores e até que ponto suas observações contribuem para o melhoramento da humanidade em geral?

R — Os historiadores tradicionais se ressentem de prognósticos sobre o futuro da humanidade, alegando primeiramente que os fatos históricos só podem ser interpretados a partir da ausência (morte) das gerações que os originaram. É uma posição um tanto apolítica. Penso que se confunde História e Historiografia, sujeito (ator) e observador (historiógrafo). Toda História é contemporânea (e, em certos casos, inconsciente), logo política — num sentido amplo, pois só o tempo e as necessidades da comunidade universal é que dirão qual o espírito contemporâneo que entrará na História, isto é, o que adquirirá transcendência. Mas até então o historiador deve estar atento aos fatos que possam transcender o homem e a sociedade de agora. Só assim poderá fazer História.